

RITOS DE INICIAÇÃO

# Tradição que viola direitos da rapariga

**n** CÉLIA SITOE\*  
COLABORAÇÃO

**NA localidade de Japir, distrito de Meconta, na província de Nampula, as raparigas são submetidas a um rito de iniciação à vida adulta, denominado "okaka ntupi", que significa "limpar a poeira".**



Okaka nthupi: um rito que humilha a rapariga e lhe impõe maternidade precoce

Contudo, tal "limpeza" aos seus corpos é feita por homens que lhes são desconhecidos, contratados pelas suas mães para iniciá-las sexualmente, sem o seu consentimento nem qualquer protecção. A prática incide sobre adolescentes de entre os 12 e os 16 anos de idade, resultando em

sistemático abandono escolar, gravidez precoce e contracção de infecções de transmissão sexual ou de doenças pós-parto, como a fistula obstétrica. Uma equipa de pesquisa do Sekelekani visitou Japir e descreve os contornos de uma prática tradicional que viola os mais elementares direitos humanos da rapariga.

"Sacudir poeira" ou violar adolescentes? No distrito de Meconta, localidade de Japir, na província de Nampula, as raparigas são submetidas a um ritual que viola totalmente os seus direitos sexuais e reprodutivos. Como parte dos ritos de iniciação para a vida adulta, para além de receberem conselhos relacionados com a higiene pesso-

al, trabalhos domésticos e respeito aos mais velhos, no último dia das cerimónias iniciáticas as raparigas são obrigadas a manter relações sexuais desprotegidas e com homens geralmente desconhecidos. O ritual é conhecido por "okaka ntupi", o que se traduz por "sacudir a poeira". O mito diz que, falhando este acto as adolescentes correm

o risco de não conceber na vida adulta, perderem o cabelo e/ou ficarem com os pés e a barrigada inchados, ou mesmo perderem a própria vida!

Para o cumprimento do degradante ritual a mãe da rapariga escolhe um homem para "sacudir a poeira" da filha, acto que este pratica de forma onerosa, ou seja,

com direito a um pagamento em dinheiro, que pode variar entre 100,00 e 200,00 meticais. Na falta de dinheiro ou alternativamente os "serviços" do "limpador" são compensados por uma refeição especial. O indivíduo indicado pode ser solteiro ou casado.

Esta é uma prática particular entre os diferentes ritos de iniciação em vigor entre a população moçambicana, nomeadamente os povos macua, maconde e yau, na região norte do país, visando essencialmente a integração pessoal, social e cultural do indivíduo na vida adulta da sua comunidade. Porém, a "okaka ntupi" é uma tradição que se traduz em flagrante violação dos direitos humanos dos adolescentes, com impacto na sua saúde sexual e reprodutiva.

## Uma prática degradante

NA parte final do "okaka ntupi" a rapariga que é iniciada dentro de casa é obrigada a receber um homem que a vai visitar, devendo aquecer a água com a qual ambos tomam banho, ao que se seguirá uma relação sexual. O homem, totalmente desconhecido da adolescente, é contratado e pago pela mãe desta para o efeito. A regra determina que o homem deve ejacular sobre o umbigo da iniciada e em caso de violação desta regra ou falha a adolescente deve reportar o facto à mãe, que irá accionar os mecanismos de penalização do prevaricador. Tal penalização consiste em obrigar o "limpador" a levar a rapariga a um curandeiro para um outro tratamento. No fim da cerimónia, querendo, o homem pode decidir casar com a rapariga, mesmo que seja já casado com uma outra mulher. Não existe qualquer critério claro para a escolha do homem que vai "limpar a poeira" da adolescente, podendo ser qualquer indivíduo que esteja disposto a fazê-lo. Tudo depende da vontade da mãe da rapariga.

O contrato é mantido em segredo entre a mãe, a madrinha, o homem e a rapariga. Se a escolha recair sobre um homem casado este facto deve ser mantido em segredo absoluto para a sua esposa.

Albertino Caita, de 19 anos, diz que já "limpou" duas meninas, de 13 e 15 anos, e que das duas vezes fez bem o tratamento. "As mães é que vieram negociar comigo e pagaram-me, num caso 50,00 meticais e no outro 200,00 e me prepararam um bom jantar", recorda.

## Quem não realizar o rito perde cabelos e umbigo

SEGUNDO explica a anciã Julieta Cebola, a "okaka ntupi" é uma tradição antiga, pela qual todas as raparigas devem passar antes da primeira relação sexual". A rapariga que não realizar este rito vai ter menstruação constante, vai perder cabelo e vai ficar com o umbigo furado e a sangrar constantemente", adverte a anciã.

Caso uma menina se recuse a participar no ritual as anciãs da



Contudo, tal "limpeza" aos seus corpos é feita por homens que lhes são desconhecidos, contratados pelas suas mães para iniciá-las sexualmente, sem o seu consentimento nem qualquer protecção. A prática incide sobre adolescentes de entre os 12 e os 16 anos de idade, resultando em

sistemático abandono escolar, gravidez precoce e contracção de infecções de transmissão sexual ou de doenças pós-parto, como a fistula obstétrica. Uma equipa de pesquisa do Sekelekani visitou Japir e descreve os contornos de uma prática tradicional que viola os mais elementares direitos humanos da rapariga.

"Sacudir poeira" ou violar adolescentes? No distrito de Meconta, localidade de Japir, na província de Nampula, as raparigas são submetidas a um ritual que viola totalmente os seus direitos sexuais e reprodutivos. Como parte dos ritos de iniciação para a vida adulta, para além de receberem conselhos relacionados com a higiene pesso-

al, trabalhos domésticos e respeito aos mais velhos, no último dia das cerimónias iniciáticas as raparigas são obrigadas a manter relações sexuais desprotegidas e com homens geralmente desconhecidos. O ritual é conhecido por "okaka ntupi", o que se traduz por "sacudir a poeira". O mito diz que, falhando este acto as adolescentes correm

o risco de não conceber na vida adulta, perderem o cabelo e/ou ficarem com os pés e a barrigada inchados, ou mesmo perderem a própria vida!

Para o cumprimento do degradante ritual a mãe da rapariga escolhe um homem para "sacudir a poeira" da filha, acto que este pratica de forma onerosa, ou seja,

tradição antiga, pela qual todas as raparigas devem passar antes da primeira relação sexual". A rapariga que não realizar este rito vai ter menstruação constante, vai perder cabelo e vai ficar com o umbigo furado e a sangrar constantemente", adverte a anciã.

Caso uma menina se recuse a participar no ritual as anciãs da comunidade e os pais engendram planos e estratégias para submetê-la à prática. Tais estratégias podem passar por esconder o homem dentro de casa, até ao uso da força, que pode consistir em amarrar a adolescente. Este foi o caso de Márcia Júlio, que desabafa: eu nunca tinha visto aquele homem antes. Ele disse-me ali mesmo o que ia acontecer, mas eu não estou satisfeita porque queria escolher sozinho o homem da primeira relação sexual. Tudo o que eu queria era sair daquele lugar. Obrigaram-me. Se eu soubesse o que iria acontecer ali teria fugido". Márcia Júlio foi submetida ao ritual aos 15 anos de idade. Hoje tem 27 anos e é mãe de três filhos.

Amadeu Lourenço afirma que uma vez foi "contratado" para desempenhar o papel de "limpador de impurezas", mas deparou-se com o caso de uma adolescente que não queria passar por aquele ritual, tendo sido forçada a fazê-lo. Recorda Amadeu Lourenço: "ela foi forçada; trouxeram-na à força para a minha casa. Foi muito complicado. Ela chorou muito.



Julieta Cebola, anciã: "a rapariga que fugir do rito sofre consequências graves"

No fim perguntei-lhe se queria ficar comigo e ela disse-me que não. Não gostei da situação, mas infelizmente tinha que acontecer porque tinha sido contratado para isso", lamentou.

Em algumas circunstâncias as raparigas podem ter a possibilidade de escolher por si próprias o seu "purificador". Este foi o caso de Fátima Luís: quando os pais descobriram que ela já tinha um namorado, aos 12 anos, obri-

garam a este a cumprir o ritual. "Disseram ao meu namorado que sem a cerimónia eu podia morrer e se eu morresse ele seria o culpado e teria que levar o meu cadáver para o cemitério da família dele", recorda Fátima. Ela afirma que uma sua irmã, que se casou sem passar pelo "okaka ntupi" adoeceu gravemente, não concebia e perdia cabelo, tendo tudo sido resolvido após seguir as normas do ritual.

## Forçadas a casar precocemente

DEPOIS da relação sexual de purificação, havendo ambiente favorável, os dois podem conversar, sendo que o homem pergunta à rapariga se aceita casar com ele. No caso de uma resposta positiva ele não recebe qualquer pagamento, pois ter-se-á tornado marido da iniciada. O casamento pode suceder mesmo que o homem seja já casado com uma outra mulher.

Angelina Caita, de 23 anos idade, passou pelo ritual aos 19 anos e casou-se com o homem que a iniciou. Contudo, esta relação apenas durou dois anos e ela está agora no seu segundo casamento. "De facto a relação não durou muito tempo, e separámo-nos logo depois do primeiro filho".

Questionada sobre o que pensa do ritual, Angelina responde da seguinte forma: "recebemos presentes por termos alcançado a maturidade. Não sabemos se noutras zonas isso acontece, mas como queremos ter filhos nós aceitamos porque eles são a nossa família. Cada menina tem o seu homem, se a menina ficar grávida durante o ritual este homem deve casar-se com ela".

"Às vezes quando o homem já é casado ele pode levar a menina e abandonar a esposa ou então decidir ficar com as duas. Mas deve respeitar as duas e ter condições para comprar "pelxe" para ambas. Eu casei-me, mas me separei porque não nos entendíamos, só ficámos um ano juntos", afirma Teresa João, que fez o ritual aos 15 anos.



Márcia Júlio foi submetida ao ritual aos 15 anos de idade e ficou traumatizada

## Abandono escolar e doenças sexualmente transmissíveis



Mães adolescentes à espera de consultas de pediatria em Meconta

OS ritos de iniciação podem durar até cerca de um mês, período durante o qual as meninas ficam privadas de ir à escola. O pressuposto segundo o qual estas cerimónias levam os adolescentes à vida adulta faz com que no final das cerimónias as raparigas não mais vejam qualquer necessidade de retornar à escola, porque a sociedade já as considera crescidas e maduras para enfrentar os desafios do lar e da maternidade.

Por essa razão na escola de Japir as meninas constituem maior índice de desistências. Só em 2015 desistiram 21 estudantes. Na sua maioria as raparigas começam a desistir a partir da quarta classe, deixando os rapazes progredirem sozinhos.

Não raras vezes são os próprios pais que promovem os casamentos precoces, "empurrando" as filhas para se juntarem a homens mais velhos, a troco de dinheiro. Este foi o caso de Jamila Moisés, uma menina de 16 anos. Jamila conta que o seu pai a obrigou a casar-se

com um homem muito mais velho em troca de 2500,00 meticais. "Não me consultaram se eu queria casar ou não, e eu interrompi a frequência da décima classe", conta ela, acrescentando que nem conhece a idade do seu marido. Com semblante triste desabafa: "ele diz que quer ter filhos, mas eu lhe digo que não quero filhos porque ainda quero estudar".

Segundo o director pedagógico da escola de Japir, Idar Adamugy, a desistência escolar tem, efectivamente, como principal causa os casamentos prematuros, ao que se adiciona à prática de mudança de residência dos pais, nomeadamente em caso de divórcio, em que as mães levam consigo as crianças, sem pedir a transferência das matrículas.

A saúde sexual e reprodutiva das raparigas é outro direito que fica em risco. Os abundantes partos prematuros provocam às adolescentes doenças pós-parto, como é o caso de fistulas obstétricas. Segundo

a médica Isaura Paulo, doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis e a gonorreia, são as que apresentam maior registo. "Temos recebido muitos casos de gravidezes precoces de crianças entre os 14 e 16 anos. Temos também registado muitos casos de sífilis e de gonorreia em crianças de 13 e 15 anos", explicou.

A médica conta que ao recomendar às pacientes para regressarem à unidade sanitária com os seus parceiros, com vista a que sejam também tratados, nem elas nem os seus parceiros cumprem esta recomendação.

Assim, o impacto da "okaka ntupi" sobre as raparigas de Meconta repercute-se em diferentes dimensões, bloqueando o seu desenvolvimento da rapariga, provocando casamentos precoces e indesejados, o abandono escolar e a propagação de doenças graves, atentando à saúde sexual e reprodutiva da rapariga.

\* Pesquisadora do Sekelekani



Uma das piores consequências dos ritos é a gravidez precoce, seguida de abandono das aulas